

kundola o motéma nzelá: “lembrar-se do caminho”

Joelma Rodrigues*

Nosso caminho, o caminho, não é uma trilha escolhida ao acaso. Nosso caminho começa a partir da compreensão coerente. É um caminho que tem por objetivo preservar o conhecimento de quem somos, o conhecimento do melhor relacionamento entre as pessoas, entre todas as pessoas, entre nós e outros povos o relacionamento de tudo o que nos rodeia. Se nossa vida tem um objetivo válido, esse objetivo deve ser inseparável do caminho. ...Nosso caminho é reciprocidade. O caminho é o todo.

Ayi Kwei Armah,
“Duas mil estações”

Indivíduos, comunidades e povos têm um caminho (percorrido e a percorrer). As inúmeras hierarquizações que se originam e sustentam estruturas de poder que primam pela manutenção das desigualdades (de raça, gênero e classe social), terminam por desqualificar, invisibilizar e apagar muitos dos caminhos percorridos lançando-os no universo do impossível, do impensável e do inverossímil.

Alice Walker, com sua peculiar sensibilidade, afirma que, para ela,

(...) o que há de pior em pertencer a uma cultura oprimida é o fato de que a cultura opressora – especialmente por controlar a produção e

* Joelma Rodrigues da Silva é mestre e doutora em História pela Universidade de Brasília – UnB, é professora desde 1995 no Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, onde ministra “Ética, cidadania e realidade brasileira”. Publicou artigos sobre as relações entre ciência e literatura e sobre diversas formas de violência de gênero. Atualmente suas pesquisas transitam na intersecção entre violência, raça e gênero, é vice-líder do grupo de estudos “PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos”. email: joelmarodrigues@gmail.com

dispersão de imagens, na mídia – pode facilmente nos fazer sentir vergonha dos nossos ditados, dos nossos atos, dos nossos costumes. Não importa se esses ditados, atos e costumes são bons ou maus. O que há de errado neles é o fato de nos pertencer.¹

Sentimentos como a vergonha é um dos efeitos perversos do racismo em sociedades como a brasileira. A vergonha gera a negação, a recusa e o apagamento dos caminhos percorridos, os traços e as lembranças promovem – nessas circunstâncias – apenas dor e sofrimento.

De acordo com o filósofo Peter Singer, o maior objetivo da existência ética no mundo contemporâneo deve ser a diminuição do sofrimento existente, logo, são moralmente defensáveis atitudes e ações políticas que visem tal objetivo², dessa forma, combater as diversas formas de opressão significa atuar eticamente, pensar em termos coletivos, compreendendo que o coletivo não inclui apenas aquel@s³ que partilham das mesmas características (políticas, raciais, religiosas, etc) que eu, que o coletivo é sobretudo o espaço em que proliferam diferenças.

Ao nos perguntarmos se é possível combater a(s) dor(es) sem lutarmos contra o apagamento e esquecimento dos caminhos, respondemos com um glorioso e sonoro NÃO. Não seremos capazes de diminuir o sofrimento no mundo enquanto permanecermos passiv@s frente à imposição da vergonha, da humilhação social que promove feridas invisíveis mas não menos destrutivas. Ser silenciado significa encontrar-se em situações, circunstâncias e lugares sociais desprovidos de autoridade, significa ser impedid@ de “colocar-se em discurso”, de dizer-se⁴. Desnecessário lembrar que esta estratégia beneficia apenas aqueles grupos que detêm poder, romper com o silenciamento é combater uma ordem injusta por que excludente.

¹ WALKER. Alice, “O manequim na vitrina: Joel Chandler Harris e a invenção do tio Remus” in: WALKER. **Vivendo pela palavra**, RJ, Rocco, 1988. pp.44.

² SINGER. Peter, **Ética prática**, SP, Martins Fontes, 1998.

³ O uso da @ pelas teóricas feministas representa a tentativa de intervir na linguagem escrita ultrapassando as generalizações, assim, uma palavra grafada com @ refere-se aos dois gêneros.

⁴ A respeito das estratégias de controle da produção e circulação de discursos, ver Michel Foucault, **A ordem do discurso**, SP, Ed. Loyola, 1996.

O silenciamento produz invisibilidade social, esta por sua vez fertiliza o solo onde brotam todas as formas de violência materiais e/ou simbólicas. Luiz Eduardo Soares assinala que:

A invisibilidade social pode ser produzida por nossa negligência, nossa indiferença, ou pela projeção de um estigma. Quando projetamos sobre alguém um preconceito, não vemos o outro: dissolvemos a singularidade que identifica o indivíduo como pessoa. Vemos apenas o reflexo de nossa intolerância, o retrato de nosso espírito discriminador.⁵

O projeto **kundola o motéma nzelé : “lembrar-se do caminho”** deve sua existência ao reconhecimento de quão imperiosa é a necessidade de combater as diversas formas de silenciamento e seus desdobramentos nefastos. Indivíduos, comunidades e povos têm memória e em todos esses níveis sua perda deve ser considerada patológica.

Para nos lembrarmos e também para registrarmos essas lembranças, realizaremos entrevistas e pesquisas bibliográficas (conforme o caso) objetivando construir narrativas a cerca dos caminhos, percursos e vidas de homens e mulheres negr@s , afro-descendentes ou afro-brasileiros , anônimos ou não, para que possamos nos instrumentalizar na luta contra os mecanismos deflagradores e disseminadores da vergonha. Assinalamos que as narrativas que serão elaboradas desde as inúmeras relações que construíram e constroem a existência concreta das pessoas humanas.

Marca este projeto, o levante (mais um) contra a permanente disseminação das narrativas “neo-escravas”. John Edgar Wideman esclarece que as mensagens destas narrativas são dotadas de uma estrutura básica que consiste em mostrar as aventuras e desventuras das “travessias clássicas” de um indivíduo (“...dos guetos à classe média, da ignorância à educação, do desqualificado ao profissional, do gângster menosprezado ao orador iluminado”⁶) não de grupos. É o indivíduo sem laços que ascende social, econômica e intelectualmente, dando a entender que a permanência no seio do grupo torna impossível a travessia, Wideman conclui afirmando que:

⁵ SOARES, L.E. “Uma questão de *atitude*: O Rappa e as novas formas de intervenção política nas cidades brasileiras”, in: CAVALCANTE, Berenice, STARLING, Heloisa Maria Murgel. & EISENBERG, José (orgs). **Decantando a republica – inventario histórico e político da canção popular moderna brasileira**. RJ: Nova Fronteira, SP: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.54

⁶ WIDEMAN. John Edgar, “Introdução” in: ABU-JAMAL, Mumia. **Ao vivo do corredor da morte**. SP, Conrad editora do Brasil, 2001. p.26

Portanto, a nova literatura escrava tem a mesma dupla função da antiga. O destino de um indivíduo negro é projetado para o primeiro plano, removido da rede de relações sistêmicas que unifica, define, determina e conforma a vida de todos os americanos. Essa visão da vida dos negros na melhor das hipóteses ignora e na pior reforça o apartheid. As categorias que estruturam o mundo nessas narrativas – escravo/livre, negro/branco, baixa renda/classe média, feminino/masculino – não são questionadas. Desaparece, assim, a idéia de um destino coletivo e entrelaçado. É uma ironia que os mecanismos de classe, raça e sexo que herdamos sejam eternizados por um gênero de literatura que pretende ilustrar a possibilidade de o indivíduo quebrar barreiras e transcender a condição social em que tenha nascido.⁷

Contemporâneos ou não, os caminhos desses semelhantes certamente, alicerçarão os nossos, dos nossos jovens e de nossos filhos. Retomando o papel dos griots⁸, pretendemos nós também não deixar que as histórias do povo negro no Brasil sejam esquecidas.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel, **A ordem do discurso**, SP, Ed. Loyola, 1996.

SINGER, Peter, **Ética prática**, SP, Martins Fontes, 1998.

SOARES, L.E. “Uma questão de *atitude*: O Rappa e as novas formas de intervenção política nas cidades brasileiras”, in: CAVALCANTE, Berenice, STARLING, Heloisa Maria Murgel. & EISENBERG, José (orgs). **Decantando a república – inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira**. RJ: Nova Fronteira, SP: Fundação Perseu Abramo, 2004. p.54

WALKER, Alice, “O manequim na vitrina: Joel Chandler Harris e a invenção do tio Remus” in: WALKER. **Vivendo pela palavra**, RJ, Rocco, 1988. pp.44.

WIDEMAN, John Edgar, “Introdução” in: ABU-JAMAL, Mumia. **Ao vivo do corredor da morte**. SP, Conrad editora do Brasil, 2001. p.26

⁷ idem, p.26-27.

⁸ Nas tradições africanas, os griots são uma combinação de historiadores orais, cantores, poetas, mediadores-conciliadores, diplomatas, preservadores da cultura e educadores. A cultura do RAP e do hip hop, tomam para si – entre os jovens negros urbanos – o papel de griots contemporâneos.

